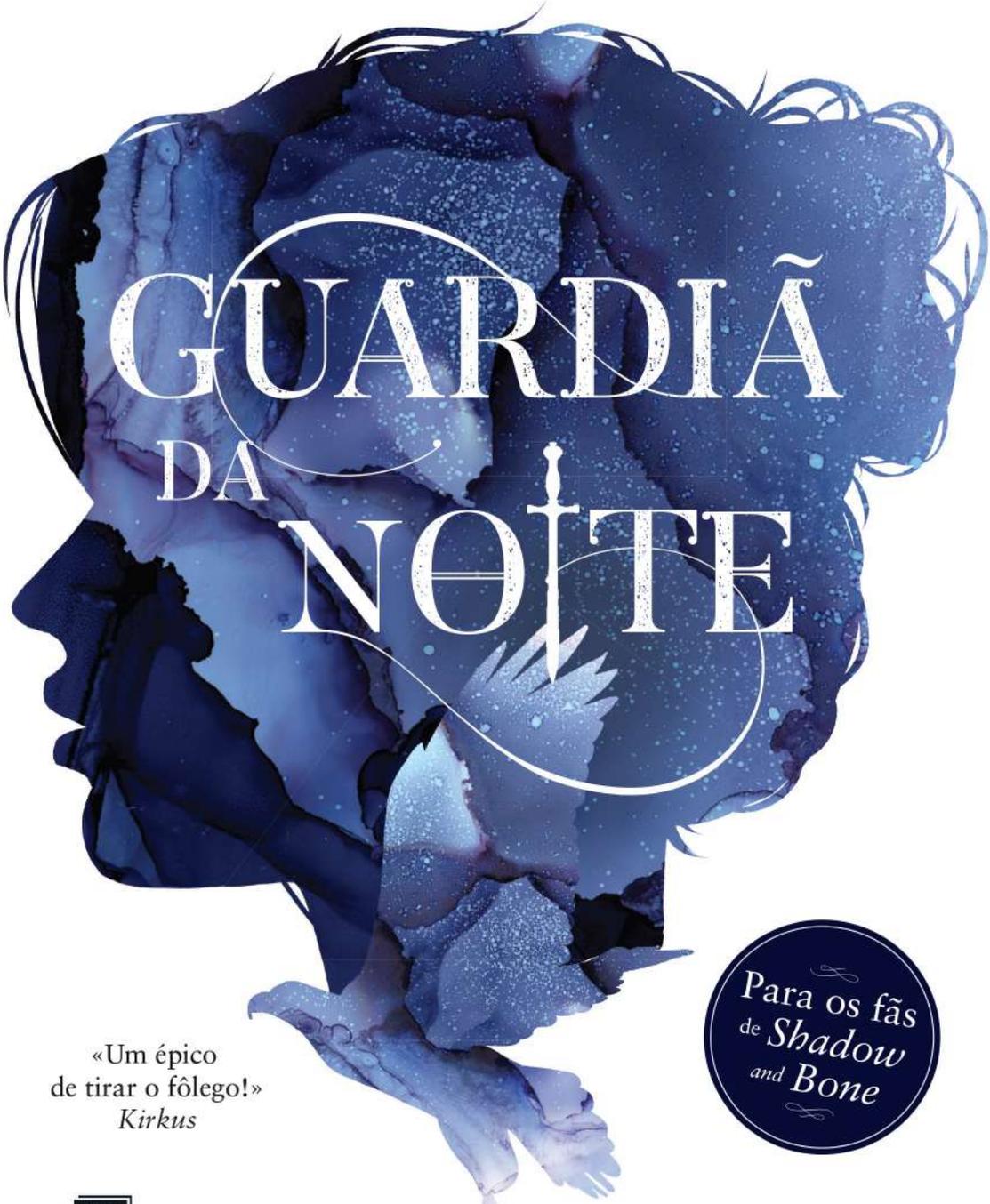


A ESCURIDÃO É A SUA MELHOR AMIGA...
E A SUA RUÍNA.



GUARDIÃ DA NOITE

«Um épico
de tirar o fôlego!»
Kirkus

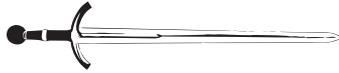
Para os fãs
de *Shadow*
and *Bone*



ADDIE THORLEY

AUTORA NOMEADA PARA O PRÊMIO YALSA PARA MELHOR ROMANCE YOUNG ADULT

Capítulo Um



A escuridão aguarda como um demónio do lado de fora da janela, enrodilhando os dedos obscuros por baixo das persianas, traçando as garras negras sobre o trinco e arrepiando todos os pelos do meu corpo à medida que a tentação percorre a minha coluna.

Enebish, sussurra ela. Mas não com palavras audíveis; a súplica espectral vive na minha mente, habita todo o meu ser, correndo nas minhas veias como sangue e enchendo os meus pulmões como o ar que respiro.

Cerro os dentes e afundo-me ainda mais no colchão; uma mão a cingir a boneca de oração, a outra a afagar a pequena pedra circular que está cravada na base da minha garganta. Quanto mais pressiono, mais as suas vibrações tranquilizantes se apossam da minha corrente sanguínea, invadindo-me com o seu calor, firmeza e luz.

O antídoto perfeito para as trevas.

Hoje, não vou ceder. Hoje, sou *eu* que seguro as rédeas.

A noite assola a minha janela em protesto, fustigando o vidro como chuva.

Enebishhhhh, vocifera.

Sinto milhares de pequenas formigas vorazes enterrarem-se na minha pele. Dou voltas e mais voltas e transpiro até não aguentar mais. Por fim, endireito-me de imediato e encaro a janela.

Uma espreitadela, nada mais. Um vislumbre e posso dar-me por satisfeita. Que perigo pode haver em *olhar* simplesmente para a escuridão?

Mentiras!, brada a minha consciência. *Um vislumbre nunca te satisfaz. Lembra-te do que fizeste. Lembra-te daquilo que te fez cativa.*

Cerro os olhos e tento recordar as chamas incandescentes que lavraram os campos ondulantes de Nariin. Cinjo os punhos contra o estômago, tentando evocar a dor lancinante que senti quando o monstro que estava dentro de mim irrompeu pelos meus ossos e assumiu o controlo do meu poder Kalima. É graças à gloriosa e refulgente pedra da lua que trago cravada no centro da clavícula que não há nada. Nenhum monstro. Nenhuma recordação. Apenas uma escuridão rodopiante e amorfa, e um peso dilacerante sobre o meu peito que faz o incidente parecer menos real, menos hediondo.

Nada de muito perigoso, insta a noite.

Com um guincho patético, livro-me dos cobertores como a mosca que escapa da teia da aranha, e atravesso o quarto a coxear até à janela.

Apesar de saber o que vou encontrar, sustenho a respiração quando abro as persianas. Milhões de pequenos tentáculos negros embatem no vidro. Aos olhos de qualquer um, o céu da meia-noite pareceria vazio e sossegado. Até mesmo pacífico. Aos meus, assemelha-se a um emaranhado de cobras negras como carvão: agitadas, fervilhantes e *vivas*. Cada fio de escuridão tem mais ou menos a extensão do meu antebraço, e juntos formam a tapeçaria ondulante da noite.

Ergo um dedo até tocar no vidro gelado e desenho uma espiral lenta e circular. Os fios replicam os meus gestos, tão próximos que sinto o seu calor através da superfície, numa súplica para que espalme a mão; para que pressione todo o meu corpo contra o vidro; a exigir mais, *mais, MAIS*.

Cambaleio para trás e finco as unhas nas palmas das mãos.

Pronto. Já os viste. Agora, fecha as persianas, enterra a cabeça debaixo da almofada e pede perdão aos céus.

Mas a noite não me liberta assim tão facilmente. Não quando conseguiu atrair-me até aqui.

Vem, insiste.

A minha garganta vibra.

Não vou ceder.

Gotas de suor escorrem-me pelos cabelos.

Não posso. A pedra da lua cerceia a minha capacidade de comandar as trevas.

Precisamente, sussurra. Não há qualquer risco, nenhuma razão para resistires...

A minha determinação quebra-se como a corda de um arco, e eu apanho o meu capote amarrotado do chão e irrompo pelo corredor do dormitório.

O corredor estreito tem o dobro do comprimento da sala do trono no Palácio Celeste, e eu cruzo as portas, uma atrás da outra, com passos cuidadosos e ponderados. Infelizmente, por mais cuidado que tenha, o pesado *arrastar* da minha perna mutilada ecoa nos mosaicos denunciadores e nos tetos altos cobertos de frescos. Reteso todos os músculos e obrigo o corpo a colaborar. Um passo em falso vai pôr todos os monges de Ikh Zuree em alerta. Todos eles me observam como falcões famintos. Ansiosos por conquistar a salvação e, mais importante ainda, as boas graças do rei e um lugar no seu Concílio

de Anciãos, garantindo a «redenção» de pecadores como eu. Algo que não procuram alcançar graças ao serviço altruísta e à busca pela harmonia com a família, os inimigos e eles próprios, conforme instruíram os Primeiros Deuses. Não, os discípulos da Nova Ordem procuram a exaltação denunciando os erros de terceiros. Quanto mais grave for a infração, mais se aproximam do êxtase. E eu, a mais famigerada criminosa do império, estou aprisionada no núcleo do seu covil. Fulminada em permanência por centenas de olhares predatórios e bocas salivantes.

Felizmente, a palha que espalhei esta manhã ajuda a abafar a minha passada irregular. Para todos os efeitos, essa não é uma das minhas tarefas, mas como a palha mais antiga tresanda sempre a urina de ratazana, decidi começar a trocá-la com frequência, só porque tenho bom coração, não que estivesse de alguma maneira a *planear* a minha fuga.

Ao fundo do corredor, entreabro a porta e esgueiro-me como fumo para o pátio banhado pelo luar. A noite acolhe-me de forma estridente, assolando-me como um enxame de abelhas atraído pelas flores que despontam, exultante por ter voltado a vencer a nossa batalha de vontades.

Agora que me submeti, os tentáculos já não rosnam como panteras famintas, roçam-se antes nas minhas mãos como gatos dóceis e ronronantes. Suspiro e volto o rosto para o céu. A sensação é de euforia. Mais libertadora do que aquela que sentia a galopar a toda a brida pelos prados com os cabelos ao vento. Mais satisfatória do que o silvo de uma flecha que rasga o ar na direção do centro de um alvo. Melhor até do que a lembrança do sorriso orgulhoso da Ghoa.

Mas basta-me a lembrança da minha irmã para me causar um aperto no estômago.

A Ghoa não sorriria se me visse agora. Colocou em risco a sua reputação e posição como comandante dos guerreiros Kalima para garantir o meu acolhimento aqui. Estas incursões noturnas podem pôr em causa todos os seus esforços — e possivelmente a sua vida. Se eu for apanhada a interagir com as trevas, o rei pode facilmente mandar executar-nos às duas. E apesar de já ter aceitado a minha própria execução há muito tempo, preferia sofrer mil mortes a ver a Ghoa pendurada por uma corda ao meu lado.

Essa imagem aterradora quase chega para me fazer voltar a correr para o quarto, mas a noite beija-me as faces e zumbe-me nos ouvidos, entoando canções que dissipam os meus receios. Para me punir, o rei teria de se deslocar a Ikh Zuree para testemunhar a minha desobediência, mas como nem ele nem a Ghoa voltaram a pôr os pés no complexo do mosteiro desde o meu exílio, nunca saberão que me permiti esta pequena liberdade.

A brisa gélida de outono silva ao perpassar o meu capote, e eu tapo a cara com o capuz enquanto coxeio pelos carreiros de pedra. O mosteiro de Ikh Zuree é gigantesco, com centenas de templos e dormitórios caiados que rodeiam o grande salão de jade, que se destaca no centro como um olho em vigilância permanente.

Hoje, a Lua brilha cheia e opressiva no céu, banhando os carreiros limpos de neve com pinceladas de luz. É sem dúvida esplendorosa, mas dificulta sobremaneira qualquer tentativa de passar despercebida. Os meus dedos contorcem-se com a força do hábito. Antes do meu encarceramento, podia ter agarrado nos fios de escuridão que se enrolam nos meus braços e me envolvem em sombras. Podia ter cirandado pelo complexo à minha vontade, invisível como um espectro. A única capaz de descortinar a escuridão opressiva. Mas agora sou obrigada

a esgueirar-me por entre os templos como uma ladra, com o meu poder Kalima reduzido a uma lembrança distante que se dissipa mais rapidamente do que a brisa glacial.

Quando alcanço finalmente as cavaliariças na extremidade norte do complexo, as minhas águias saúdam-me com crocitos de alegria. Batem as asas e piscam os olhos na minha direção a partir dos seus poleiros. O chão está coberto de penas que formam uma tapeçaria dourada, e os sons familiares da palha dos ninhos a estalar e das penas a serem ajeitadas fazem desaparecer o aperto no meu peito e nos meus ombros. Ao menos as aves acolhem-me sempre com satisfação.

O rei mantém as suas águias de caça em Ikh Zuree, e é minha competência alimentá-las e treiná-las. No reino de Ashkar, até mesmo os prisioneiros têm de fazer pela vida. A maioria escava trincheiras ou transporta artilharia pesada para a frente de batalha, por isso estou grata por ter uma posição que tanto me agrada, junto das aves que nunca se encolhem na minha presença e que nunca me atiram insultos que me fazem chorar no quarto a altas horas da noite.

São as minhas únicas amigas. Além do Serik.

Deambulo por ali, a fazer festas e a coçar algumas das águias, até que a *Orbai* guincha de impaciência, deslocando-se para a frente e para trás no seu poleiro.

— És ainda mais exigente do que a noite — escarneço. Ela incentiva sempre as minhas escapadelas noturnas porque sabe que isso lhe vale mais algumas horas de liberdade; e ganhou o gosto aos morcegos. Ofereço-lhe o meu braço. — Só porque és a minha preferida, isso não significa que mandas em mim.

Mas significa. E ela sabe disso.

Regressamos à escuridão que nos aguarda, e a *Orbai* voa disparada por entre as trevas como um cometa. As suas penas

refulgem como âmbar líquido e as suas enormes asas fazem rodopiar os fios de noite. Sorrio ao contemplar aquele caos. Ansiosa por segui-la. Desejosa de estar lá em cima com ela.

Enquanto ela perscruta os céus, escondo-me atrás do mais pequeno dos templos e passo os dedos pela parede de mosaico até encontrar o olho vermelho-rúbeo de uma serpente que, *sem querer*, soltei quando limpei o templo com um esfregão no mês passado. Entalo a minha bota no buraco, sustenho a respiração ao sentir a dor e esforço-me por subir. Entre o meu braço lesionado e a minha perna mutilada, é difícil conseguir empoleirar-me no parapeito, e enquanto ali estou, a gemer e a contorcer-me como uma marmota, a *Orbai* mergulha na minha direção. As pontas das asas roçam ao de leve a minha face.

Porque demoras tanto?, parece dizer-me.

— Águia impaciente. — Abano a cabeça na sua direção. — Nem todos temos asas.

Por fim, passo a perna pelo parapeito e rebolo para o telhado. Sinto as telhas frias e molhadas através do capote, mas nem reparo no frio. A minha atenção está toda concentrada nas gigantescas vagas de escuridão que assolam o meu corpo como ondas.

O céu não quer saber que eu seja perversa e feia. As nuvens não fazem juízos de valor em relação aos meus crimes, e a Lua banha com o seu reflexo imperturbável os meus membros tolhidos e a minha cara cicatrizada. Posso ser desprezada pela maioria da população de Ashkar, mas os Céus haverão sempre de me acolher no seu amplexo gelado e cobrir com o seu manto de estrelas. Aos olhos da Senhora do Céu e do Pai Guzan, sou aceite.

Desejada.

O rei pode emitir todos os decretos que bem entender sobre a morte dos Primeiros Deuses, mas eu recuso-me a acreditar

nisso. *Não posso acreditar nisso. Não quando sinto a Senhora e o Pai a latejar em cada fio de escuridão.*

As horas passam céleres como minutos e, em menos de nada, os primeiros raios cor-de-rosa despontam no horizonte, cortando o pardo da noite como uma espada. *Fica. Só mais um pouco*, suplico. Mas à medida que o Sol traçoeiro sobe cada vez mais, os fios de noite escapam-se-me por entre os dedos como girinos. Abandonam-me mais uma vez. Sinto os pulmões a arquejar contra a caixa torácica constrictiva enquanto assisto à fuga da noite para leste, em direção à sombra das montanhas de Ondor, lá ao fundo. O último local onde a luz vai tocar.

Oxalá pudesse eu deixar o mosteiro para trás com a mesma facilidade.

Passaram dois longos anos desde que o rei me baniu para esta prisão sagrada. «Um santuário», disse ele. «Dá-te por agradecida. É mais do que tu mereces.»

Mas o que merece verdadeiramente uma criminosa como eu?

Com um suspiro, deixo-me cair pesadamente sobre as telhas e fixo a paisagem difusa. Vejo tudo daqui de cima: a muralha exterior do complexo do mosteiro, branca e com espigões de ferro entrelaçados; as planícies cobertas de neve a perder de vista onde costumava galopar trajando a minha armadura, com o mar verdejante dos prados a abrir caminho à minha passagem; e, muito ao longe, a capital, Sagaan, onde eu e o Serik travávamos duelos nas ruas com sabres feitos de pau, e onde nos deitávamos à sombra dos pinheiros, a imaginar quais seriam os nossos poderes Kalima, a inventar histórias de cavalgadas para a batalha, lado a lado.

Pelo menos essa parte acabou por se concretizar. Estamos juntos.

Só não sei se isso é melhor ou pior.

Fico ali sentada, com os dedos a tapar as pálpebras, a desejar poder voltar atrás no tempo, até que o arrastar de chinelos me arranca ao meu desespero. Em perfeita harmonia com o nascer do sol, os monges emergem dos dormitórios em filas de dois. As suas vestes vermelhas parecem feridas abertas contra a neve prateada, e eles afastam-se como uma mancha que se espalha lentamente em direção aos templos.

Na minha direção.

Maldição! Regresso sempre ao meu quarto muito antes de eles me apanharem ali, a cometer um ato de traição. Se for apanhada, o meu castigo será pior do que as 20 vergastadas e 50 orações de serenidade que tenho de cumprir sempre que falto às súplicas do meio-dia.

É possível que alertem a Ghoa.

Ou o rei.

Levanto-me rapidamente e escondo-me atrás da carantonha de uma das gárgulas de pedra empoleiradas num dos cantos do telhado. O propósito das estátuas é afastar os espíritos maléficos — daí o seu semblante assustador — e eu, com as três cicatrizes que marcam a minha face esquerda e me denunciam como uma traidora ao império, enquadro-me na perfeição.

O rei desferiu os golpes com as suas próprias mãos, rasgando com o seu punhal *keris* o meu nariz, pálpebra e maxilar. As feridas sangraram e infetaram durante semanas — aos curandeiros não foi permitido limpar ou enfaixar os ferimentos —, por isso creio que devia estar grata por não ter morrido de septicemia ou ter perdido o olho. É o que acontece a muitos criminosos.

Sustenho a respiração quando vejo o abade a entrar no templo. Um turíbulo de latão pende dos seus dedos manchados,

enquanto entoa o Cântico do Rei Celeste com a sua voz dissonante. Os outros irmãos anciãos seguem-no sem olhar na minha direção. Sendo eles os monges com a posição mais elevada na hierarquia eclesiástica de Ikh Zuree, com assento garantido no Concílio de Anciãos, não têm a menor apetência pelo controlo metuculoso de infrações menores. Já os acólitos mais jovens que seguem na cauda da procissão detetam-me de imediato.

— Só podes sair do teu quarto depois das súplicas matinais, quando o dia já nasceu! — diz um deles, apontando na minha direção.

— E não podes profanar os nossos templos sagrados com as tuas mãos manchadas de sangue! — grita outro.

— Também tencionas matar-nos a todos, Enebish, *a Destruidora?*

Aquele epíteto horrendo faz-me estremecer. Suspiro e perscruto a fila de vestes vermelhas à procura do nariz sardento e do sorriso matreiro do Serik. Ele vai fazê-los calarem-se.

Mas ele está atrasado para as súplicas matinais. Como sempre.

— Claro que ela quer a nossa morte! — atira o primeiro acólito, num tom provocatório. — E o Rei Celeste vai promover-me logo a abade quando souber que travei a fúria assassina dela.

— Mas só se conseguires chegar primeiro do que eu!

Uma dúzia deles acorre ao templo, atropelando-se uns aos outros como chacais esfomeados, enquanto trepam pela parede coberta de mosaicos.

Recoo aos tropeções com um gemido, o que é humilhante. A antiga Enebish — Enebish, *a Guerreira* — podia ter calado aqueles idiotas choramingas em poucos segundos. Mas agora a minha perna mutilada desfaz-se em queixumes sob o peso do capote e caio pesadamente em cima das telhas.

Assobio e a *Orbai* mergulha sobre os monges com as garras em riste. Alguns deles berram e desequilibram-se, mas a maioria irrompe pelo telhado como um enxame de abelhas assassinas. Mal tenho tempo de me enrolar numa bola antes de as suas mãos implacáveis descerem sobre mim, antes de os seus dedos se agarrarem aos meus cabelos.

— Parem! — suplico.

Mas isso só os torna mais entusiásticos, mais vorazes.

— Que vais fazer, Enebish, a *Destruidora*?

O monstro que escondo dentro de mim mostra o semblante e brande a sua cauda bífida, exalando um sopro flamejante para a minha garganta. Aperto as telhas com todas as minhas forças, a ponto de fazer uma delas estalar sob os meus dedos, replicando os estilhaços do meu controlo cada vez mais ténue. Antes de conseguir dar conta do que estou a fazer, agarro num fragmento com a minha mão boa e desfiro golpes às cegas. Posso não ser capaz de comandar a noite, mas isso não significa que seja indefesa.

A minha faca improvisada embate em algo quente e macio e, no instante seguinte, ouço um uivo. Os acólitos recuam. Mal acerto no antebraço do monge choramingas, mas, a julgar pelas lamúrias dos outros, quase parece que lhe trespasso o coração. Atacam como um só: uma fera com 10 cabeças e 20 braços. Brando o fragmento desvairadamente e esquivo-me para a esquerda — perigosamente perto do parapeito saliente. Mas eles antecipam a minha jogada.

O que não antecipam é a força combinada de tantos indivíduos a atacar em simultâneo. Em vez de me prenderem contra as telhas, acabamos por cair do parapeito.

Esbracejo desenfreadamente e o vento cala o meu grito. Fecho os olhos e preparo-me para o impacto — felizmente, o templo

tem a altura de dois homens —, mas, antes de cair no chão, alguém chama por mim. Abro os olhos a tempo de ver o Serik a saltar para a frente. O meu estômago embate no seu ombro ossudo e, enquanto eu fico sem ar, ele solta uma praga. Palavras que um monge não devia conhecer, quanto mais gritar a plenos pulmões.

— Enlouqueceste? — resmunga, enquanto caímos redondos sobre as ervas geladas. — Porque os atacaste? Sabes que vão a correr contar ao abade.

— Eu não os ataquei. Foram *eles* que me atacaram. Continuam a atacar-me. — Com isto, aponto para os outros acólitos, que caem à nossa volta como a maior e mais ruidosa saraivada de sempre.

— Vais pagar por isto com a vida! — vocifera o monge que feri.

O Serik levanta-se a custo e coloca-se entre nós.

— Deixa-a em paz.

— Porque haveríamos de dar ouvidos a alguém como *tu*?

Os outros acólitos lançam um olhar de desdém às centenas de pequenas cicatrizes brancas que cobrem os antebraços do Serik. Após seis anos em Ikh Zuree, quase não há parte alguma do seu corpo que não tenha sentido o chicote do abade. Tem quase tantas cicatrizes como eu.

— *Já disse* para a deixarem em paz — rosna o Serik.

— O que acontece se não o fizermos?

Conto ver o Serik a arregaçar as mangas vermelhas e a distribuir murros como faz sempre que eles me atacam, mas ele endireita os ombros e profere num tom estranhamente oficial:

— Terão de responder perante a comandante Ghoa. Ela acaba de chegar da frente de batalha e pediu-me que lhe levasse a prisioneira.

Os acólitos recuam com os olhos esbugalhados. Não contavam com aquela.

Nem *eu* contava com aquela.

Um gorjeio, um misto de soluço e riso, irrompe dos meus lábios, e uma centelha da mais pura alegria perpassa o meu corpo, até que as garras do pavor se voltam a cravar na minha garganta.

Depois de tanto tempo, não há nada que justifique a presença da Ghoa.

A menos que o abade a tenha avisado da minha traição...

A menos que ela saiba que tenho interagido com as trevas...

Sinto o coração a pulsar nas têmeoras. O Serik está a mentir; é apenas uma artimanha. Eu teria dado pela chegada da Ghoa. Passei a noite no telhado.

E estavas tão consumida pelas trevas que nem terias visto a tua própria mão a mexer-se à frente da cara.

Olho boquiaberta para o Serik, na esperança de que ele me lance um sorriso rápido ou uma piscadela de olho, mas ele continua a fulminar os outros acólitos com o olhar até que estes se afastam na direção do grande salão, com os lábios cingidos em esgares de regozijo.

Fico a sós com o Serik, engolindo o ar gélido da manhã em golfadas. Ele expira e passa a palma da mão pela cabeça, esfregando as madeixas imaginárias do seu cabelo castanho, que foi totalmente rapado quando entrou para a irmandade, tal como acontece com todos os acólitos de Ikh Zuree — e eu ainda não me habituei a esse facto. Ao que parece, nem ele, mesmo que o corte torne o seu queixo mais expressivo e os contornos do seu rosto mais definidos. Parece menos o rapaz com quem cresci e mais um homem já adulto.

— Obrigada — digo-lhe, ofegante. — Foi uma mentira brilhante. Mas não vão tardar a perceber e vão fazer-te pagar caro.

O Serik faz uma longa pausa silenciosa antes de olhar para mim. Os seus lábios estão comprimidos numa linha fina e as suas faces estão tão pálidas que as sardas castanhas mais parecem flocos de pimenta.

— Não é mentira.

Levanto-me de repente e dou meia-volta, como se a Ghoa pudesse materializar-se atrás de nós, no pátio.

— Quando é que ela chegou? E *porquê?* — questiono, num sussurro ansioso.

— Hoje de manhã. E não sei porquê. *Tu* sabes? — Ele lança-me um olhar intencional, e depois contempla o telhado do templo. — O que estavas a fazer ali em cima, En?

— Precisava de apanhar ar.

A ideia de ter de admitir, até mesmo ao Serik, quão desesperada me sinto e quão imprudente me tornei faz-me ruborizar. Não é um cumpridor rígido das regras, mas até ele seria capaz de me repreender. Ou de ter pena de mim. Ou, pior ainda, de julgar que sou uma ingrata da pior espécie.

O Serik cruza os braços e estreita os olhos cor de avelã. São da cor das ervas que espreitam pela geada, o que até é apropriado, visto que prefiro fixar o chão a responder às suas perguntas. Ele pigarreja ruidosamente, mas mantenho os olhos postos na terra. Por fim, exala um suspiro dramático e afaga o galo do tamanho de uma cereja que desponta na sua testa.

— Achas que o abade vai acreditar que este alto se deve ao facto de passar demasiado tempo prostrado com a cabeça encostada ao chão a rezar?

Solto uma gargalhada sonora.

— Nem penses. És o pior monge de Ikh Zuree.

— É o maior elogio que já me fizeste.

— Não foi um elogio.

— Exatamente. — O Serik esboça um sorriso, um sorriso raro e genuíno que outrora partilhava com todos os jardineiros e criadas por quem passava quando éramos os protegidos que corriam desabridos pela propriedade dos pais da Ghoa. Um sorriso que vi poucas vezes ser esboçado em Ikh Zuree.

— Ela está mesmo aqui? — Cruzo as mãos e lanço um olhar na direção do grande salão. Uma parte de mim quer desatar a correr pelo complexo e atirar-se para os seus braços. Sonhei com este momento todos os dias dos dois anos que passei aqui. Senti a sua falta a cada segundo desses dois anos. Mas uma parte de mim transpira, treme e morde compulsivamente os lábios. Sinto o sangue a pulsar nos meus ouvidos, a repetir um refrão frenético: *ela sabe, ela sabe, ela sabe*.

— Ela está mesmo aqui — confirma o Serik.

— E mandou chamar-me? — Ele acena uma vez com a cabeça. O chão parece fugir-me debaixo dos pés. Estendo a mão e apoio-me no ombro do Serik. — Vens comigo? — imploro.

— Acho que prefiro assistir às súplicas matinais.

— Mentira.

— Tens razão. — Atira a cabeça para trás com um grunhido. — As duas hipóteses são pavorosas.

Pondero dar-lhe uma palmada, mas decido que já o magoei que chegue por um dia.

— *Eu* é que devo estar receosa com este encontro. Não tens motivos para...

— Motivos não me faltam — interrompe. — A Ghoa vai ser tão falsa e irritante como sempre, e fingir ser uma mãe extrema para conseguir levar a sua avante connosco.

Reviro os olhos.

— A Ghoa sempre quis o nosso bem. E é tua prima. Quase tua irmã.

O Serik murmura algo entre dentes sobre *famílias, obrigações e uma dor de cabeça dilacerante*, mas limpa o capote negro com raios de sol debruados que usa sempre por cima das vestes e indica-me o caminho para o grande salão.

— Como queiras, mas não vou fingir que estou feliz por vê-la.

Capítulo Dois



Os portões enormes do grande salão abrem-se para dentro. Prontos a engolir-me.

Cravo as unhas no antebraço do Serik quando entramos na câmara dourada. No nosso encaicho, flocos de neve apagam as braseiras e mergulham a estátua em tamanho real do rei na penumbra. Um monge ancião, que tem estado a ler um rol de transgressões, deixa cair o pergaminho com um clamor. Os restantes acólitos erguem-se das suas poses de súplica e sustêm a respiração.

Eu e o Serik estacamos. Não é a primeira vez que interrompemos as orações matinais. O Serik nunca sentiu o apelo da religião, atual ou antiga, e, quanto a mim, prefiro engolir uma mão-cheia de larvas a sussurrar os pequenos crimes de terceiros a ídolos de pedra fria. Mas esta é a primeira vez que interrompemos um serviço religioso em que a Goa está presente.

Por norma, os monges limitam-se a grasnar e a ameaçar-nos com vergastadas até unirmos as palmas das mãos, balbuciar-mos a rotineira oração de penitência (*Que o Rei Celeste, em toda a sua bendita glória, perdoe as minhas falhas*) e nos juntarmos ao serviço. Porém, hoje, não abrem a boca. Reina o silêncio.

Consigo ouvir o pingar do degelo das estalactites que pendem das janelas.

Com o coração a bater descompassado, perscruto o amontoado de vestes até descortinar o rabo de cavalo da Ghoa lá à frente. Ela ergue-se com uma lentidão deliberada e eu fixo-a como se fosse uma miragem que ganha vida.

Está tal qual eu me lembrava, mas totalmente diferente.

A Ghoa sempre foi linda, com uma farta cabeleira parda e grandes olhos castanhos, mas agora passou a ter também um aspeto temível. Como uma rainha guerreira que enverga a sua refulgente armadura de couro e botas meticulosamente trabalhadas. O machado de guerra e o arco estão encostados à parede, mas o sabre curvo ainda pende embainhado à cintura.

Quando ela se vira, a dor e a exultação rasgam em igual medida o meu peito. Sinto os lábios gretados como casca de árvore, a garganta mais seca do que os desertos de Verdenet.

Ela regressou à frente de batalha antes de poder agradecer-lhe por ter convencido o rei a poupar a minha vida. Nunca tive a oportunidade de explicar e pedir perdão pelo que aconteceu em Nariin — mesmo que continue a não ter uma explicação e que nem todos os pedidos de desculpa do mundo fossem suficientes. Será que ela me odeia? Será que me teme como o resto de Ashkar? Presumo que sim. Nunca veio visitar-me e só respondeu à minha primeira carta. E agora é uma pessoa tão importante; subiu muito na hierarquia desde o meu exílio: comandante dos guerreiros Kalima, a força de elite do rei. Bafejada com a aptidão de lutar, não só com sabres e punhais, mas com o controlo da chuva e do vento. Com rajadas de frio gélido e colunas de fogo.

E, por vezes, até mesmo com as trevas.

Também deve ser penoso para ela olhar para mim. Uma vergonha para os Kalima. Privada dos meus poderes.

Os olhos da Ghoa recaem no Serik e depois em mim, percorrendo a extensão da marca da traição no meu rosto e depois o meu braço direito, dividido um pouco acima do cotovelo por uma cicatriz roxa hedionda. Uma cicatriz semelhante risca a minha coxa direita, com a extremidade a espreitar por baixo do manto de penitência como uma larva contorcida.

A Ghoa encolhe-se e eu recuo como se tivesse recebido uma bofetada.

Olha para mim, suplico em silêncio. Continuo a mesma por baixo destas cicatrizes. Continuo a ser uma rapariga por baixo do monstro. Mas o penoso silêncio prolonga-se, picando-me por dentro como piolhos.

Reprimo um soluço e lanço um olhar espavorido ao Serik. Ele coloca-se à minha frente, interpondo-se entre mim e a Ghoa, como um escudo.

— Olá, prima. Sei que vocês, os guerreiros, são indivíduos bárbaros, mas até mesmo tu devias saber que é de mau tom olhar fixamente para as pessoas.

Os monges arrepiam-se com a audácia dele e olham para a Ghoa, que franze o sobrolho e cerra os punhos. Em menos de nada, a temperatura no salão cai a pique. Uma geada cobre as colunas de mármore de cima a baixo e avança pelo chão, pintando tudo à sua volta de branco.

— Vamos. Já. — A Ghoa aponta para o opulento salão nobre que fica nas traseiras do templo e avança na nossa direção. Remoinhos de ar gélido seguem-na como fumo, e as extremidades do seu rabo de cavalo tilintam, adquirindo uma tonalidade prateada gélida. Os monges abrem alas apressadamente. Antes de conseguir sequer piscar os olhos, a mão dela cinge o meu braço bom, transformando a seda do meu manto em flocos de neve. Arrasta o Serik pelo colarinho e ele guincha ao escorregar nos mosaicos gelados.

Já me tinha esquecido da força descomunal do poder da Ghoa. As suas aptidões sempre foram notáveis, mesmo entre os Kalima. Ela pertence à categoria dos Arautos do Gelo. Com um estalar de dedos, pode transformar o verão em inverno. Com um franzir do nariz, a água que ferve transforma-se em gelo. O seu dom manifestou-se quase imediatamente — poucos dias depois de completar 11 anos —, e apesar de o meu se ter manifestado mais depressa, isso nunca a impediu de se gabar desbragadamente depois de uma noite bem regada a vorkhi.

Tem todos os motivos para se vangloriar. Já a vi derrubar cem guerreiros zemyanos com um gesto do pulso. E, por si só, os seus intransponíveis blocos de gelo impediram-nos de atravessar o desfiladeiro de Usinsk. As antigas lendas falam de Arautos do Gelo capazes de evocar o Gelo da Morte — uma geadá tão fria e súbita que cavalos, gado e até pessoas morriam ainda em pé, congeladas em perpétuo movimento — e, por um instante, pergunto-me se tais histórias teriam um fundo de verdade. O ar está tão frio que *sinto* as pernas congeladas, quando dobramos uma esquina e somos arrastados pelo corredor.

Para longe do serviço religioso.

A respiração arranha-me a garganta. Ao contrário de mim e do Serik, a Ghoa nunca perde a oportunidade de orar diante do altar do Rei Celeste. Só sairia mais cedo do serviço em caso de extrema necessidade.

Em casos de vida ou morte.

— Sinto muito! — gaguejo. — Foi sem intenção... Os monjes provocaram-me...

A Ghoa empurra-nos por uma porta vermelha lacada, que fecha com estrondo atrás de nós. Preparo-me para o embate violento contra os mosaicos, mas ela solta-nos e recosta-se numa cadeira de espaldar. Respira fundo várias vezes. Por fim,

quando levanta o olhar, o balbuciar incoerente morre na minha garganta, porque o seu rosto em forma de coração está pálido e angustiado.

— Perdoem-me — atira, ofegante. — Este não é o reencontro que eu imaginava, mas vocês sabem o que é exigido ao cargo que ocupo. — Abana a cabeça várias vezes antes de ajeitar e alisar a armadura. — Já devia ter antecipado um cumprimento tão descarado da tua parte, primo. É bom ver-te.

Ela esboça um sorriso escarninho ao Serik, mas ele encara-a como se visse víboras a saírem-lhe dos lábios.

Após uma pausa constrangedora, a Ghoha vira-se para mim. Tem um sorriso acolhedor estampado no rosto tisonado pelo sol que lhe sobe até aos olhos e os faz enrugar nos cantos, fazendo-a parecer mais velha e mais meiga do que eu me lembrava.

— Já tinha saudades tuas, En — diz, com brandura.

Os meus dedos procuram ansiosamente a pedra da lua.

— Não estás aqui para me castigar?

Ela solta uma gargalhada ruidosa.

— Porque faria tal coisa?

— Porque... — *tenho interagido com as trevas. Porque sou perigosa e imprevisível. Ainda hoje feri um dos acólitos.* — Não te contaram?

A Ghoha acena com a mão.

— Já ouvi coisas de mais. Os monges têm andado a zumbir-me aos ouvidos desde que cheguei, enumerando todas as infrações cometidas por todos os cidadãos de Ashkar. Estou farta de os ouvir. Cá para mim, visto que estão todos vivos, não pode ser assim tão grave. E a nossa encenação no grande salão deve tê-los deixado satisfeitos. Não fiques aí especada a esfregar as mãos e vem festejar. Nós os três estamos finalmente juntos. — Com isto, abre os braços.

O Serik cerra os lábios e permanece imóvel, mas um soluço de alívio irrompe da minha boca e a minha última réstia de apreensão dissolve-se como a neve na primavera. Era *isto* que eu queria. Era com *isto* que eu sonhava. A ideia *deste* momento fez-me suportar todos os 743 dias agonizantes de reclusão.

Cambaleio pela opulenta sala onde, por norma, estou proibida de entrar, passando por um sofá de veludo e por um enorme espelho de parede, e enterro o meu rosto no pescoço da Ghoa. Ela cheira a cavalos, couro e ferro, a neve e erva e céu aberto. Os seus braços estão mais robustos, o seu cabelo mais comprido — já quase lhe chega ao meio das costas —, mas continua a ser a Ghoa. A *minha* Ghoa. Irmã, mãe e amiga, tudo numa só.

— Estás aqui — digo, por entre lágrimas. — *Finalmente*.

— Olha bem para ti. — Ela afasta-se para examinar o meu rosto, e desta vez nem estremece. — Estás tão crescida. Que é feito da minha pequena Enebish?

Tenta afagar-me a face, mas afasto-lhe a mão.

— Tinha 16 anos quando me trouxeste para aqui. Não era assim tão pequena. A velhice começa a afetar-te a vista.

— Velhice? Só sou cinco anos mais velha do que tu! Não é assim tanto.

— É uma vida. Olha para essas rugas novas.

Ela massageia a testa com uma gargalhada.

— Tens a língua afiada! Já te esqueceste de que te salvei a vida? Por *duas* vezes.

— Mas não foi por pura bondade — intervém o Serik.

A Ghoa assume uma postura mais hirta e, por instantes, a dor ensombra-lhe a vista. Pego-lhe na mão e aperto-a suavemente, de modo que ela saiba que não partilho da opinião do Serik.

Além de me garantir um abrigo em Ikh Zuree, a Ghoha salvou-me a vida há dez anos, quando a minha aldeia nos desertos do sul de Verdenet, um dos protetorados, foi pilhada por salteadores zemyanos. Encontrou-me nas cinzas, a tentar arrastar os cadáveres dos meus pais para fora da nossa cabana fumegante, e apesar de haver centenas de sobreviventes de volta dos guerreiros, como escaravelhos num monte de lixo, ela escolheu-me. Levou-me para a propriedade dos pais em Sagaan e convenceu-os a aceitarem-me como protegida, juntamente com o Serik. Ensinou-me a usar o arco e flecha e a montar a cavalo, e apresentou-me ao rei, tecendo-me elogios como uma mãe extremosa, quando os meus poderes Kalima se manifestaram ao bater da meia-noite no meu 11.º aniversário.

— Tens noção de que foi por isto que ela te salvou — sussurrou o Serik nessa noite, quando regresssei do Palácio Celeste. A manta cobria-lhe o rosto como se ele estivesse a dormir, mas as acusações amargas ecoaram pelo quarto. — Não foi por gostar de ti, foi porque sabia que podia usar-te.

Que conversa é essa?, apeteceu-me retorquir, mas obriguei-me a usar de gentileza. Ele ainda estava a lambe as feridas depois de ser chamado da frente de batalha.

— A Ghoha não sabia que eu seria abençoada com um poder Kalima.

— Achas que não? Eras a única da tua aldeia com as palmas das mãos cheias de bolhas e o cabelo chamuscado. A única criança que realizou um feito de bravura com nobreza suficiente para ter potencial para se qualificar para o poder celeste.

Na altura, não permiti que o ressentimento que o Serik nutria pela Ghoha me envenenasse, assim como não permitirei que ele estrague agora o nosso reencontro. Aperto-lhe ainda mais a mão e reforço o meu sorriso.

— Conta-me tudo. Por onde tens andado? O que viste? Dois anos é uma eternidade. Não me digas que o rei precisou dos teus préstimos este tempo todo.

— O *Rei Celeste* — corrige-me, enunciando o seu título oficial, que eu nunca usei. Nem mesmo quando era uma das suas guerreiras mais condecoradas. Um rei mortal não pode *decidir* um dia usurpar a Deusa. Mas a Ghoha olha fixamente para mim até eu soltar um suspiro exasperado. *Como queiras*.

— O Rei Celeste não deve ter precisado de ti este tempo todo.

Com um aceno de satisfação, ela recosta-se na cadeira de espaldar e começa a desapertar as botas.

— A verdade é que precisou. Os Zemyanos continuam a atacar a nossa fronteira a leste com legiões de feiticeiros perversos. Seria expetável que já tivessem percebido que a contenda entre Ashkar e Zemya é arcaica e desnecessária. Ninguém acredita nos Primeiros Deuses, por isso não faz sentido esta animosidade. Sobretudo tendo em conta que foram *eles* que atacaram primeiro. Nem sequer lhes pedimos que sequem a sua nascente de água termal encantada. Podem dedicar-se à sua magia ímpia à vontade, desde que o façam no seu território e que nos deixem em paz. Mas a imperatriz Danashti tem inveja e medo da dimensão que o nosso reino atingiu com os protetorados. Não suporta ver-nos suplantá-los em grandeza.

Aceno ponderadamente, apesar de só concordar com metade das afirmações dela. A imperatriz Danashti é rancorosa e paranoica, mas quem pode censurá-la por não confiar em Ashkar quando anexámos todas as outras nações vizinhas nas últimas duas décadas?

Já para não falar que *alguns de nós* ainda acreditam nos Primeiros Deuses.

— Haviam de ver a frente de batalha. É terrível — prossegue a Ghoa, soturna, enquanto atira as botas para um canto.

— Sempre foi terrível — interrompe o Serik com um gesto impertinente da mão. — Não tentes convencer-nos do contrário com pormenores que não mudam há séculos.

Ele tem razão. Estamos em guerra com Zemya desde o surgimento dos Primeiros Deuses e do início dos tempos, quando a Senhora do Céu e o Pai Guzan deram à luz os primeiros seres humanos, um menino e uma menina — Ashkar e Zemya. Ao passo que Ashkar desenvolveu dons divinos herdados dos pais, Zemya não conseguia comandar as nuvens ou manipular a luz. As pessoas diziam entre dentes que se devia à sua natureza mesquinha. Enquanto Ashkar era afável, generoso e de sorriso fácil, Zemya tinha mau génio e era competitiva. Sem querer ficar atrás do irmão ou ser esquecida pelos pais, arranjou outras formas de se tornar poderosa.

Manipulou metais existentes no centro da Terra para forjar armas de poder incomensurável. Aprendeu feitiços que lhe permitiam comandar cores e padrões presentes na tessitura do próprio mundo, de modo a evocar ilusões. Zemya ficou ansiosa por mostrar os seus progressos aos pais, mas a Senhora do Céu e o Pai Guzan ficaram horrorizados. Baniram-na para as areias escaldantes junto ao mar, na esperança de que os ventos inclementes e o isolamento a vergassem à obediência. Mas Zemya renunciou aos pais e redobrou os esforços, arrancando cada vez mais magia da Terra que desviou para uma nascente de água termal, incentivando os seus filhos a beberem e dotando-os de um poder inimaginável.

A seguir, instou-os a atacarem Ashkar e os seus descendentes.

— Está pior do que nunca — insiste a Ghoa. — Os Zemyanos parecem baratas. Pisamo-los e eles não se deixam esborrachar.

Congelamo-los e eles hibernam até o gelo derreter. Uma e outra vez, erguem-se do pó com artimanhas cada vez mais perversas e funestas. Ainda na semana passada, dizimaram metade do 121.º Batalhão, às portas de Chalida.

— Como? — perguntei. — O que aconteceu?

Ela prolonga propositadamente a tensão a ponto de me fazer salivar.

— Recorreram à feitiçaria para se disfarçarem de soldados do nosso Exército. Em seguida, contornaram-nos pela retaguarda e chacinaram grande parte da nossa infantaria antes de percebermos o que se passava.

— Como é que os derrotaram? Como conseguiram distinguir os amigos dos inimigos?

— O que te parece? — A Ghoa esboça um sorriso e a temperatura na sala cai a pique. — Os Zemyanos são fracos devido à sua magia corrupta, por isso eu e os outros Arautos do Gelo congelámos o ar. Os impostores caíram por terra, com os corpos escanzelados a tremer de frio e a tez pálida praticamente azul. Depois disso, foi muito fácil livrarmo-nos deles.

A inveja cinge-me o peito e dificulta-me a respiração. Ainda me lembro do que sentia quando cavalgava para a batalha — o troar do cavalo por baixo de mim, o poder da Senhora do Céu a correr-me nas veias, impulsionando o meu arco e brandindo o meu sabre, todo o meu ser alerta e forte, uma arma por si só. Devia ter combatido contra os Zemyanos ao lado dela. Sou tão corajosa e capaz como a Ghoa. O meu poder é ainda mais forte do que o dela.

Sou uma Fiadeira da Noite, capaz de tingir o céu de negro e fazer desabar o fogo das estrelas como gotas de chuva. É um poder raro e perigoso — que me fez subir tão depressa na hierarquia. Antes de mim, a outra única Fiadeira da Noite

no Exército Imperial foi uma mulher chamada Tuva, que sucumbiu na Batalha das Cem Noites, quando o rei a incumbiu de evitar que o Sol brilhasse até que os Chotgors, que habitam as estepes geladas a norte de Ashkar, aceitassem ser um protetorado do império. Pensou que lhes seria mais difícil combater na escuridão. E assim foi. Mas a pressão foi demasiada para Tuva. Assim que o combate terminou, ela soçobrou — com os ossos ocos e a pele reduzida a cinzas. Sei que é traição, mas se o rei fosse verdadeiramente o «governante dos céus», não devia saber que seria esse o desfecho? Não teria sido capaz de o evitar?

Os guerreiros Kalima não são fontes inesgotáveis de poder, mas sim velas que ardem lentamente. Temos de usar as nossas capacidades com conta, peso e medida, e permitir que as nossas forças recuperem, ou corremos o risco de extinguir a chama. Como tal, devemos ser soldados indómitos por direito próprio e ponderar bem sobre quando invocar a Senhora do Céu. Eu pensava ter alcançado o equilíbrio perfeito. Pensava ser invencível.

Todos pensavam.

Conscientemente, toco na pedra da lua, depois alcanço o sa-bre da Ghoa que está em cima da mesa. O punho de osso esculpido parece-me familiar sob os meus dedos, mas quando tento erguer a arma, a dor acomete o meu braço mutilado.

Não me deixa esquecer a realidade.

Eu *era* forte. Já não sou.

A espada cai com estrondo em cima da mesa e eu volto a sentar-me na cadeira junto da Ghoa. Sinto os olhos rasos de lágrimas que evito que ela veja, por isso faço perguntas sucessivas, na esperança de conseguir distraí-la.

A ela e a mim.

— Conta-me mais sobre as batalhas. Quem é o teu tenente? Quantos guerreiros Kalima perdeste? Que porção de terreno

conquistaste? — O Serik exala um gemido, mas eu ignoro-o. Se a Ghoa descrever tudo ao pormenor, será como se tivesse estado lá. Como se continuasse *viva*.

A Ghoa lança-me um olhar de empatia e solta o cabelo, que refulge à lareira — fiapos rendilhados de gelo entrelaçados nas madeixas vermelhas ondulantes. Enquanto alisa os nós com os dedos, diz suavemente:

— Há dois anos que só falo de batalhas e morte. Não podemos falar de algo mais animador? Fala-me da tua vida aqui no mosteiro.

Olho para as minhas mãos. Claro que ela não quer falar de guerra. Acabou de a viver de perto. E deve pensar que me está a fazer uma gentileza ao não falar da minha antiga vida. Mas eu *quero* recordar. Quero tanto que os meus olhos voltam a ficar marejados. Finjo tossir e limpo as lágrimas com as costas da mão.

As sobrancelhas fartas da Ghoa baixam enquanto ela alterna o olhar entre mim e o Serik, mas não vou contar-lhe que me tenho escapulado para interagir com as trevas. Ou que sonho, dia e noite, em regressar aos Kalima. Que desprezo as muralhas caiadas que ela tanto se esforçou para que se tornassem o meu refúgio.

A Ghoa força a tosse e chama o Serik, que está na outra ponta da sala.

— Como está o monge mais irreverente de Ikh Zuree? — ela ri-se, mas ele não esboça sequer um sorriso, apesar de ter achado graça quando fiz a mesma piada há menos de uma hora.

— Continuo irreverente.

— Tem dó, Serik. Estava a brincar contigo.

— Também eu. — Com isto, mostra os dentes no sorriso mais escarninho de sempre.

Para todos os efeitos, eles são primos, mas foram criados como irmãos — e sem dúvida que discutem como tal. A família da Ghoa acolheu o Serik quando ele tinha 5 anos e a Ghoa 9, pouco depois de o pai dele ter sido condenado e enviado para Gazar, a famigerada mina-prisão no subsolo de Sagaan, por vender armas zemyanas ilegais. A sua mãe ficou de tal forma afetada pela dor e pela humilhação que deixou de comer. E de dormir. E de cuidar do próprio filho.

A Ghoa e o Serik davam-se razoavelmente bem, mesmo depois de ele ter feito 11 anos e de ter recebido autorização para se alistar. Mas os anos foram passando e, como ele nunca desenvolveu um poder Kalima, os dois tornaram-se como água e azeite. Quando completou 13 anos, os pais da Ghoa chamaram-no da frente de batalha. Todos sabem que a guerra é mais difícil para aqueles que são desprovidos de magia. Para garantir a sua segurança, o pai da Ghoa, o tesoureiro imperial, garantiu ao Serik uma posição em Ikh Zuree — uma honra reservada aos filhos da nobreza. Mas se for o Serik a contar a história, essa honra vai soar a sentença de morte. Aos seus olhos, a Ghoa é igualmente culpada, por não se ter mostrado contrária à decisão dos pais.

— Por favor, não sejas assim, Serik. — A voz da Ghoa parece tão fragilizada e áspera como as minhas vestes de penitência.

O Serik não se apercebe. Ou, o que é mais certo, não faz caso disso.

— Não queres que seja assim? A menos que tenhas decidido desvincular-me dos meus votos à Nova Ordem de modo a poder voltar a alistar-me, não temos nada a dizer um ao outro.

A Ghoa aperta a cana do nariz.

— Sabes que não posso fazer isso.

— Mas é claro que podes! És a comandante dos Kalima. Podes fazer tudo, mas recusas-te a dar-me a única coisa que eu quero verdadeiramente.

— Pensa na tua mãe, que está acamada. Perder-te seria a morte dela, e o meu pai nunca me perdoaria por causar a morte da sua única irmã.

— Porque têm tanta certeza de que eu morreria? — atira o Serik. — Sou um bom guerreiro. E o meu poder Kalima ainda se pode manifestar. Por vezes, isso só acontece mais tarde.

A Ghoa lança-lhe um olhar pesaroso.

— Ninguém manifesta o poder aos 19 anos.

— E o Miiigrath? Tinha 21 anos e tornou-se o Lançador de Granizo mais forte da história de Ashkar.

— Miiigrath era um rei! Uniu os 13 clãs, fundou os Kalima e escorraçou os Zemyanos para a costa. Nunca alcançarás tais feitos. O que significa que o teu poder não seria assim tão significativo mesmo que se manifestasse.

— Não sabes isso. — O Serik olha para mim e eu sinto a vontade genuína de o incentivar, mas desvio os olhos e começo a dedilhar o cordão das minhas vestes. O mais tarde que um membro dos Kalima recebeu o seu dom foi aos 14 anos. E a Ghoa tem razão: esses poderes são em grande medida inúteis. Limitam-se à evocação de nevascas incipientes ou pequenos aguaceiros.

— Não tenho medo de lutar — insiste o Serik. — Incentivas todos os rapazes de 11 anos do império a alistarem-se, mas não a mim, quando estou mais do que apto.

— Todos temos caminhos diferentes. É uma honra ser um acólito da Nova Ordem...

O Serik atira as mãos ao ar.

— Sim, é uma *honra* definhar lentamente como um pergaminho de oração nesta maldita prisão.

A Ghoa exala ruidosamente e vira-se para mim.

— E tu, Enebish? Como está a aclamada treinadora das águias? O Rei Celeste elogia muito as tuas aves. Afirma que são as melhores de Ashkar.

Isso faz-me endireitar a postura.

— Deveras?

Ela assente.

— Estás a ganhar nome. Fico contente por teres voltado a encontrar o teu caminho aqui em Ikh Zuree, que provou ser o refúgio perfeito para ti.

— Ganhar nome? — O Serik levanta-se da cadeira com tanta força que esta cai para trás e escorrega pelo chão de mo-saico. — Caramba, Ghoa, não tens a menor noção?

Apesar de estar a defender-me, não consigo evitar um nó no estômago. Porque ele tem razão. Já ganhei um nome. Um nome que não acarreta elogios. Um nome que os habitantes de Ashkar não esquecerão.

Enebish, a *Destruidora*.

— Eu posso dizer isso, *primo*, porque a Enebish aceitou a sua nova vida. Seguiu em frente e o seu futuro é brilhante. Ao contrário do teu.

— Sabes que mais, volta para a frente de batalha e vai atormentar os Zemyanos. Temos passado bem sem ti. — Com isto, ele irrompe pela sala, agitando as tapeçarias à sua passagem. A Ghoa finge não reparar, mas veias de gelo brotam dos seus dedos, fendendo o apoio de braços da cadeira. Aproxima-se de mim e prossegue, num tom de voz excessivamente animado:

— Como te tens sentido? Como estás do braço e da perna?

— Acho que estou bem. — Forço um sorriso ao ver os seus ombros descair, para que ela não pense que a culpa de alguma coisa. Se não tivesse tido a coragem de enterrar o seu sabre no

meu braço e na minha perna, de modo a travar a minha fúria em Nariin, o resultado podia ter sido muito pior.

— A pedra tem conseguido evitar mais... *surtos*? — diz a palavra com cuidado, quase num sussurro.

O Serik estava quase a sair porta fora, mas dá meia-volta e bate com as mãos na mesa perto da Ghoha. Uma jarra de globos-de-ouro amarelos estatela-se no chão.

— Basta! — A porcelana estilhaça-se e as pétalas espalham-se por baixo das cadeiras. — Agora que já nos acusaste e ofendeste aos dois, vamos embora.

Ele estende-me a mão e eu olho-a fixamente, incapaz de decidir entre ele e a Ghoha. Preciso dos dois em igual medida — de formas diferentes. A Ghoha pressiona os dedos contra as têmporas.

— Desculpem. Eu não queria... Fiquem, por favor. Trouxe presentes.

A sua expressão é comovente, a ponto de eu sentir uma lança cravar-se no meu peito. Levanto os olhos para o Serik, implorando-lhe que seja cortês, mas ele passa a mão pela cabeça e fuzila a Ghoha com o olhar.

— E quanto é que esses presentes nos vão *custar*? Sem dúvida que o preço a pagar será elevado.

A Ghoha pisca os olhos como se tivesse sido esbofeteada. Rigidamente, vasculha a sua sacola e retira o violino mais bonito que alguma vez vi. A caixa de ressonância está revestida a pele de cabra curtida preta e o espelho da longa escala, munida com cordas de crina branca, brilha com o polimento. Retira ainda um arco a condizer e estende-os ao Serik.

— A única coisa que quero é o teu afeto, primo. Sabes disso.

O Serik fica de queixo caído e dá dois passos rápidos na direção do instrumento antes de cair em si.

— Não sei de nada.

— Aceita, por favor, Serik. Trouxe-o de Dayun. Vi o mestre Inalchi a fazê-lo na sua afamada oficina na Praça do Mercado. Garanto-te que produz o som mais nítido e bonito que alguma vez vais ouvir.

— Foi feito pelo mestre Inalchi? — O seu olhar fica fixo no violino.

A Ghoa passa um dedo pelo instrumento.

— Ele disse-me que é o instrumento digno de um prodígio. E tu, segundo sei, para lá caminhas.

O Serik cerra os dentes, resolutivo. Mas resmungo, agarra no violino e volta para o canto da sala. Embala o instrumento como eu embalo a noite, com afagos e carícias.

A Ghoa observa-o com um sorriso triste antes de voltar a meter a mão na sacola.

— E tenho um presente para ti, En. — Coloca na minha mão um saquinho púrpura com folhas pretas bordadas. Viro o saquinho e sustenho a respiração quando uma corrente delicada se amontoa na minha mão. É a pulseira mais bonita que já vi: pequenas penas de prata e ónix encadeadas.

A Ghoa está exultante quando se inclina para mim e a coloca no meu pulso.

— Gostas? Pareceu-me apropriado que a treinadora das águias tivesse as suas próprias penas.

— Adoro — respondo, ofegante. E é verdade. Mas as lágrimas correm-me pela cara e, desta vez, estou demasiado emocionada para as conter. O presente é perfeito e, simultaneamente, uma requintada zombaria; nunca conseguirei voar com asas feitas de pedra.

— O que foi? O que fiz agora? — A Ghoa olha para o teto. A sua voz indicia uma fragilidade e um cansaço muito invulgares nela.

— Nada — respondo. — A pulseira é linda. E estou muito contente que tenhas voltado. Quanto tempo vais ficar?

— O tempo que for preciso. O Rei Celeste incumbiu-me de uma missão especial em Sagaan.

Limpo os olhos e aguardo, mas a Ghoa olha para o colo e encolhe os ombros.

Claro que não me pode contar nada sobre a missão. Sou apenas uma tratadora de águias. Passo o dedo pelas penas que adornam o meu pulso e um silêncio pesado toma conta da sala. A água que estava na jarra partida congela lentamente no chão.

A Ghoa toca no meu cotovelo, mas não consigo encará-la. É demasiado doloroso contemplar tudo aquilo que perdi. Abraço o meu próprio ventre, desejando poder espremer a inveja e a amargura do meu ser. Ela é a minha irmã, a minha melhor amiga. Se tivesse alcançado o seu estatuto, ela ficaria contente por mim. Tenho a certeza disso.

— Tenho mais uma surpresa — anuncia a Ghoa. A sua voz é hesitante e os seus dedos pendem da faixa de couro que lhe cinge a cintura. — Sei que estás infeliz e quero ajudar. De certa forma, vejo-me como vossa mãe e...

Exala lentamente.

— O Rei Celeste solicitou que as suas águias fossem levadas para Sagaan amanhã, para o Festival Qusbegi. Ele pretende participar nas provas de caça. Ia pedir aos meus guerreiros que transportassem as aves, mas posso incumbir-vos dessa tarefa, se assim o desejarem. — O seu olhar salta entre mim e o Serik, e depois fixa-se no chão. — E isso não vos vai *custar* nada.

O Serik levanta-se de repente e os seus dedos ficam sem pinga de sangue, agarrados à escala do violino. O meu assombro é em tudo semelhante, e finco de tal maneira os punhos nas

pernas que as penas de prata e ónix deixam marcas na minha túnica.

— Vais autorizar-nos a sair de Ikh Zuree? — sussurro.

A Ghoa sorri. O mesmo sorriso benevolente que esboçava quando entrou na minha aldeia em chamas no seu cavalo de batalha, tão bela e temível como a Senhora do Céu.

— Durante um dia, sim — confirma.

À ESCURIDÃO AGUARDA COMO UM DEMÓNIO...

Chamam-me Enebish, a *Destruidora*, e já fui uma das maiores guerreiras do Exército Imperial do Rei Celeste. A única com o poder de manipular a noite e as sombras. Fui uma arma valiosa para o reino, até perder o controlo e me ter tornado uma assassina. Como castigo, o rei marcou-me a traição no rosto e condenou-me ao exílio num mosteiro.

Depois de dois anos de cativo, Ghoo, a minha irmã adotiva e comandante do exército, propôs-me um plano irrecusável: capturar o rebelde que anda a roubar os mantimentos das tropas do rei. Se for bem sucedida, recupero o meu título de guerreira e deixarei de ser um monstro... ou quase.

Aceitei fazê-lo, mas o mundo mudou. E agora, dividida entre a lealdade ao rei e a minha consciência, não sei em quem confiar: na minha irmã, que sempre me protegeu, ou no rebelde, que é inimigo de tudo aquilo em que acredito?

MAS ALGO SE APROXIMA, SOMBRAS QUE NEM EU POSSO CONTROLAR...



«Uma história de manipulação, falsidade, honra e lealdade, que nos oferece uma visão astuciosa deste mundo fantástico e que deixará os leitores rendidos à sua heroína.»

Booklist

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-356-1



9 789895 643561

Literatura Fantástica